



## Ler e Escrever: compromisso de Todos Nós

Silvia Albert  
01.02.2003

Ultimamente muito se tem falado sobre a questão da leitura e da escrita como responsáveis pelos maus resultados de nossos alunos, seja nos vestibulares seja nos exames do ENEM. É um assunto em que todos têm uma opinião a dar. As justificativas ou queixas são as mais diversas:

"O fato de o Brasil ser o único país a ficar no nível 1, de uma escala de 1 a 5, significa que os nossos alunos são analfabetos funcionais, capazes de decodificar as letras, as palavras, mas não de compreender o seu significado ."

(Jornal do Professor - Editora Moderna a respeito do resultado do Brasil no Pisa - Projeto de avaliação internacional dos jovens estudantes de 15 anos de vários países que em 2000 avaliou a compreensão leitora)

"A escola brasileira não sabe ensinar a ler e ponto."

Ministro Paulo Renato Souza - Jornal do Brasil - 5/12/2001

"... uma geração Zap. Zap vem de ficar zapeando. Com o controle remoto trocam-se sem parar os canais de televisão. Submetem-se ao mesmo tempo a todos os estímulos. Não conseguem assistir a um mesmo programa por muito tempo - o rádio está ligado, a internet acionada, folheia-se uma revista, fala-se ao telefone. A dificuldade de ler livros está associada, de uma lado, à escola que não sabe encantar pelas palavras, mas, de outro, à dificuldade de parar quieto e focado num só tema".  
Gilberto Dimenstein - Folha de São Paulo 10/11/2002

Nas escolas públicas e particulares as queixas e constatações dos professores também não são nada animadoras: "preguiça de ler"; "não interpretam o enunciado do exercício, não fazem o exercício"; "falta concentração para ler e escrever"; "não conseguem saber o sentido específico da palavra pelo conjunto do texto"; "dificuldade do aluno em colocar sua opinião pessoal, de fazer correlação"; "não conseguem escrever mais de quatro linhas"; etc

É realmente desanimador e seria melhor guardar o caderno onde está programada a próxima aula de português, voltar para casa e mudar de profissão. Mas além de refletir sobre o que está afirmado nas declarações acima, é necessário também agir. Sem dúvida a sociedade brasileira atual não valoriza a leitura e o texto bem escrito, sem dúvida essa geração Zap e imagética tem maior dificuldade para se concentrar no texto escrito e valorizá-lo, sem dúvida a escola ainda pode caminhar muito quando se trata de ensinar a ler e escrever.

E já que falamos em agir vamos nos ater a este último "sem dúvida" (a escola ainda pode caminhar muito quando se trata de ensinar a ler e escrever), pois é o que está mais próximo no momento de nós professores.

Primeiramente é preciso lembrar que ensinar a ler e a escrever não pode ser tarefa apenas da área de português, mas um compromisso de todas as áreas. Também que não basta colocar os alunos em contato com uma quantidade maior de livros ou apenas expô-los a diferentes tipos de texto. É necessário que se encontre um novo método de ensinar a ler e a escrever, que vá além da mera decodificação de palavras ou da mera exposição de idéias em forma de palavras. É necessário se ter um objetivo: para que ler? Para quem escrever? Uma metodologia: como escrever? Quais os passos a seguir para se produzir um bom texto? E muitas outras questões que daí decorrem.

Já há alguns anos a Lingüística Aplicada trouxe à tona a teoria de gêneros do discurso postulada por Bakhtin e retomada por um grupo de professores de Genebra (notadamente Joaquin Dolz e Schneuwly) que também questionavam o ensino da escrita nas escolas e lidavam com esta dificuldade de trazer o aluno para o texto, ou, dito de outra forma, de "encantar o aluno com as palavras."

Eles montaram um projeto que foi implantado nas escolas públicas de lá.

O grande diferencial da proposta de Bakhtin em relação à análise dos textos é que ele incorpora elementos da ordem do social e do histórico e considera a situação de produção de um dado texto (quem fala, para quem, lugares sociais dos interlocutores, posicionamentos ideológicos, em que situação, em que veículo, com que finalidade ou intenção) e a forma de dizer, que não é inventada a cada vez que nos comunicamos, mas que está disponível e em circulação social.

Alguns tipos de texto circulam em determinados lugares, em determinadas épocas e culturas e com uma intenção. Toda a sua forma, seu vocabulário, sua estrutura remetem a este contexto extra texto. Para explicar isto, ele cria categorias e estabelece alguns gêneros de texto que circulam socialmente. Ou seja, ao nos comunicarmos nas mais diferentes circunstâncias, utilizamo-nos de vários gêneros orais ou escritos tais como: receita, resenha, relatório científico, debate, carta de reclamação, notícia, biografia, relato de viagem, piada, crônica, romance policial, só para ficar em alguns. Isto é, tudo o que ouvimos, falamos, lemos e escrevemos, pertence a um gênero embora às vezes não saibamos nem denominá-lo.

É o grupo de Genebra que resgata estas categorias e gêneros de Bakhtin na medida em que vê nisso a possibilidade de trabalhar na escola com textos "de verdade", "reais", e não mais didatizados (feitos unicamente para a aprendizagem). Eles viam que os alunos estão a todo tempo em contato com variados gêneros de texto e que é importante que na escola eles aprendam a ler e produzir estes tipos de texto.

O termo "gênero" leva a muitas interpretações. Aqui é importante delimitar gênero na acepção de Bakhtin (gêneros - formas de dizer relativamente estáveis, construídos historicamente, disponíveis na cultura e que possuem características específicas de conteúdo temático, forma composicional e marcas lingüísticas) e não confundir com gêneros literários (escolas literárias - o barroco, romantismo, clacissismo, etc.)

O trabalho com o conceito de gênero possibilita sistematizar e formalizar o trabalho escolar em relação à produção escrita, a fim de que o domínio de texto do aluno possa progredir de acordo com as exigências das diversas disciplinas e de forma cada vez mais intencional. Isto é, há um plano a seguir, uma proposta, uma meta a ser alcançada em cada trabalho com leitura e escrita. Com certeza, todos queremos que o aluno leia e escreva bem, mas, às vezes, não nos damos conta de que não há um ler e escrever ideal, mas sempre concretizado numa forma definida. É possível ler e escrever bem um conto, um ensaio, um relatório científico, um problema matemático etc.

O trabalho com gêneros também possibilita a diversidade (o contato com vários gêneros, em várias áreas) e ajuda o aluno a se sentir mais competente (posso não saber escrever/ler um conto, mas sei ler/escrever um poema, um relatório, etc). E, sem dúvida, conhecer mais a fundo os vários tipos de texto com os quais se trabalha em sala possibilita compreender com clareza as dificuldades e possibilidades pedagógicas de uma determinada atividade (o que esperar de um aluno de 5ª e um de 8ª em um artigo de opinião, como propor esta leitura e/ou produção, que estratégias usar). Por outro lado, é possível estabelecer um contrato claro de trabalho com os alunos para cada atividade pedida e avaliada (ajuda a montar critérios de avaliação, a fazer intervenções na produção do aluno, a dar devolutivas, a criar finalidades para o texto, a propor reescritas).

Há quase cinco anos, no Oswald de Andrade - Caravelas, trabalhamos com estas propostas do grupo de Genebra que estão no didático "Olhe a Língua" de Ana Luiza Marcondes Garcia e Maria Betânia Amoroso. Durante este tempo acompanhamos diversos grupos e percebemos a diferença de produção e aproveitamento de leitura naqueles alunos que seguiram a proposta de 5ª a 8ª série. Melhor compreensão de texto, uma produção mais consistente, melhor desenvolvida e um fôlego maior para os livros de literatura. Teria muito o que contar sobre os projetos que lá fazemos: as fábulas da 5ª série, as crônicas da 6ª, os contos da 7ª e os ensaios da 8ª. Isto só para citar alguns. Mas acredito que falar de todos eles poderia ficar para um outro texto, num outro momento. Agora seria abusar um pouco da paciência do meu leitor, pois já me estendo muito no assunto. Só quis com isso demonstrar que já temos propostas concretas para mudar o quadro descrito no começo deste texto, em algumas declarações. Os próprios PCN'S (Parâmetros Curriculares Nacionais) já foram um avanço e apontam, na área de Português, para a teoria dos gêneros. Há um programa para formação de professores da rede pública estadual, conduzido pelo IPEC, com a participação de Ana Luiza M. Garcia e Jaqueline Barbosa na elaboração do material de Português, que também segue esta linha. A editora FTD lança uma coleção abordando cada gênero em um livro diferente. Já pude ler o que aborda o gênero "Notícia" de Jaqueline Barbosa que aponta uma nova forma de ensinar a ler e a escrever.

Não discordo que há muito trabalho a ser feito para mudar o quadro que aí está. E reafirmo que a questão de ler e escrever não pode mais ficar restrita a uma única área na escola. Nas oficinas que ministrei na EMEF

Professor Olavo Pezzotti , a convite do Trapézio, pudemos perceber que a leitura e a escrita são instrumentos fundamentais para todo o aprendizado. Lá pude também plantar algumas sementes falando sobre a teoria dos gêneros e discutindo procedimentos para um melhor aproveitamento dos momentos de leitura. São ações assim que podem trazer mudanças efetivas. Mas, há muito o que fazer ainda. Por isso este texto tem o título que tem.

### **Referências Bibliográficas**

CHAUÍ, MARILENA (2002). Filosofia. São Paulo: Editora Ática.

LAJONQUIÈRE, LEANDRO (1992). De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens. A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber. Petrópolis: Vozes.

MANNONI, MAUD (1995). Amor. ódio, separação: o reencontro com a linguagem esquecida da infância. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

### **Sobre o Autor**

Silvia Albert é professora de Português do ensino fundamental - 5a a 8a na Escola Oswald de Andrade - Caravelas.